



REVISTA DE HUMANIDADES - UNIVERSIDADE DE FORTALEZA

Volume 17 - Número 2 - agosto/dezembro 2002

CCH

REVISTA DE HUMANIDADES

Humanity's Journal

História Oral: Uma Proposta Metodológica em Parceria com os Índios Terena em Campo Grande-MS

Consideraciones sobre "O Desenvolvimento de uma Nova Ordem Social" de Pedro Arturo Rojas Arenas

O Cenário Leopoldense entre 1850 e 1930

Mário Quintana: A Metalingüagem numa Enganadora Simplicidade

Reflexões e Controvérsias sobre a Categoria Ontológica do Trabalho

A Auto-estima como Facilitadora do Processo de Ensino-aprendizagem

O Bucaneirismo no Início da 1ª República: Especulação e Violência

Signo, Objeto e Mito no "O Retrato de Dorian Gray" de Oscar Wilde

A Compulsão e o Vício na Modernidade

A Verdade em Diálogo: O Encontro do Educador com o Educando na Autodescoberta com Georges Gusdorf e Paulo Freire

Alfabetização numa Perspectiva da Educação Libertadora

Análise Crítica da Disciplina Enfermagem em Saúde Pública I

Tecnologia e Inovação nas Sociedades Capitalistas

Pensando Paradigmas da Pesquisa Multicultural: os Desafios da Prática. Conferência de Abertura do III Encontro de Pesquisa e Pós-Graduação da Unifor

Educação Estética: por uma Atitude Estético-crítica Diante do Mundo



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
ENSINANDO E APRENDENDO

Av. Washington Soares, 1321 - Bairro Edson Queiroz - CEP: 60.811-905
Fortaleza - CE - Tel: 477-3000 - www.unifor.br



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
ENSINANDO E APRENDENDO

Volume 17 - Número 2 - agosto/dezembro - 2002

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (Estados Unidos). Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. *Relatório do desenvolvimento humano 1999*. Lisboa: Trinova, 1999.

PAIXÃO, Luís Antônio. Drogas: prevenção, repressão ou descriminalização? (Tema 2) Seminário Mídia, Drogas e Criminalidade. *Comunicação & Política*, Rio de Janeiro, v.1, n. 2, p. 48-53, 1995.

PEREIRA, Álvaro Júnior; CAVALCANTE, Meire. A dose certa. *Revista Superinteressante*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 30-36, fev. 2000.

PROCÓPIO, Argemiro. *O Brasil no mundo das drogas*. Petrópolis: Vozes, 1999.

VESPUCCI, Emanuel F. *Alcoolismo, livro das respostas*: esclarecendo 129 dúvidas fundamentais. São Paulo: Casa Amarela, 2000.

WEIL, Andrew. *Drogas e estados superiores da consciência*. São Paulo: Ground, 1986.

Data de Revisão: 01/02/2002

Data de Entrega: 02/01/2002

Data do Aceite: 05/04/2002

A Verdade em Diálogo: O Encontro do Educador com o Educando na Autodescoberta com Georges Gusdorf e Paulo Freire

Truth in Dialogue: Educator and Student's Meeting in Selfdiscovering White both Georges Gusdorf and Paulo Freire

Célia Maria Onofre Silva¹



Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar e refletir, à luz de argumentações do filósofo francês Georges Gusdorf e do educador brasileiro, Paulo Freire, sobre o pensamento da pedagogia, quando discutem o significado da educação através da relação mestre e discípulo, ou do educador com o seu educando. A pedagogia, uma das áreas mais ricas em tradição, é concebida como ciência prática, com estrutura peculiar de ser uma ciência da educação para a educação, na medida em que seu objeto representa uma ação do homem sobre o homem. A nossa tentativa é, sobretudo, sistematizar as contribuições filosóficas e sócio pedagógicas dos referidos autores, quando estes ressaltam o papel do educador como o do intercessor, dando forma humana aos valores, intervindo na sua função principal de testemunho e indicador na busca da verdade, utilizando o diálogo como instrumento dessas mediações. E, ainda, situar a relação “mestre-discípulo”, “educador-educando”, no colóquio singular entre o professor e o aluno, na confrontação de suas existências, expostas, uma à outra como ponto de reflexão sobre o sentido da educação.

Palavras-chave: Diálogo; Educador-Educando.

Abstract

The aim of this article is to analyze and reflect, based in arguments by a French philosopher named Georges Gusdorf and the Brazilian educator, Paulo Freire about the interpretation of pedagogy when they discuss the meaning of education through the “master-disciple” or “educator-student” relationship. Pedagogy, with a rich tradition, is conceived as a practical science “from education to education” in the sense that its object represents an action of mankind over mankind. Our attempt, above all, is to systematize the philosophical and social pedagogic contributions of the cited authors, respecting to educators role as intercessor, giving a human form to values, intervening in his principal function as witness and guide in the search for truth, using utilizing dialogue as an instrument for these mediations. In addition to insert the “master-disciple” or “educator-student” in the singular colloquy between teacher and student and in confrontation with their existences, exposed one another, as a point of reflection about the purpose of education.

Keywords: Dialogue; Educator-Student.

1 Introdução

A relação do professor com o seu aluno surge como uma dimensão fundamental no mundo humano. O ensino é sempre mais que o ensino. Em outras palavras, “quer se queira quer não, qualquer ensinamento tem valor educativo. Instruir, em latim significa construir, isto é, edificar. A escola é o lugar onde se edifica a personalidade” (GUSDORF, 1995:154).

O ato pedagógico, portanto, em cada situação particular, ultrapassa os limites dessa situação para

pôr em causa a existência pessoal na sua multidimensionalidade e complexidade. Além da reflexão sobre as vias e meios do ensino especializado, a nós se apresenta a possibilidade de outra mediação que, como uma pedagogia da pedagogia, se exerce sobre a investigação dos processos secretos através dos quais, fora de todo conteúdo particular, se cumpre a edificação de uma personalidade e se desenvolve a subjetividade de uma pessoa humana.

A escola é, de fato, em primeiro lugar, o espaço de encontro e de diálogo do educador com o educando, o terreno de experimentação das atividades e valores humanos. Por sua

¹ Professora dos Centros de Ciências Humanas e Ciências da Saúde da Universidade de Fortaleza - UNIFOR. Mestre em Educação em Saúde. Mailto: conofre@daterranet.com.br.

vez, Gusdorf (1995:141) nos diz: “o diálogo, que parece limitar a verdade ao mecanismo de um debate entre duas inteligências, abre, ao contrário, o campo da verdade graças ao fato de pôr em circulação uma pluralidade de pontos de vista”. Assim, nesta visão, o diálogo entre o mestre e o discípulo é um diálogo privilegiado, na medida em que põe em jogo a própria verdade.

Também na concepção de Paulo Freire o diálogo é o encontro dos homens, mediatisados pelo mundo para pronunciá-lo, tornando-se uma exigência existencial.

“E, se o diálogo é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes”. (1987:79).

Nesse sentido, consideramos o diálogo na relação professor-aluno na visão filosófica de Georges Gusdorf, definida como a de mestre e discípulo, e na concepção sócio pedagógica de Paulo Freire, demarcada como a de educador e educando. Estas relações são reveladas como possibilidades de orientação e sentido de vida, não como doação do pronunciar de um ao outro, mas como ato de criação e descoberta para ambos, de valores fundamentais que põem em xeque a condição humana.

Assim, no pensamento de Gusdorf, *o mestre e o discípulo só se descobrem como tais na relação que os une. A verdade de cada um deles depende de sua relação com o outro, é uma verdade em reciprocidade. Poder-se-ia dizer, aliás, que toda verdade humana é a verdade de um diálogo* (1995:137).

O que entendemos, então é, que essa verdade humana que buscam o mestre e o discípulo, o educador e o educando, é a busca de uma verdade em diálogo. O diálogo concebido como um instrumento de comunicação ativo, participativo e de reflexão crítico. O diálogo do mestre e do discípulo na contextura do imenso horizonte da cultura humana. Sendo assim, na visão desse autor, nenhuma linguagem é inteiramente impessoal, e a linguagem do ensino menos ainda que qualquer outra, pois é um meio privilegiado de comunicação. Visto desta forma, o encontro e o diálogo supõem um espaço de presenças que fornecem referências comuns.

Acredita o autor francês que a mais banal das experiências de uma troca de palavras situa nossa existência aberta incessante e permeável ao outro. Assim, defende ele a idéia de que o mínimo contato humano ao nível de linguagem atesta que a existência dos homens é sempre coexistência. *Se a palavra*

docente mobiliza a personalidade daquele que ensina, a palavra ensinada e recebida evoca essa outra personalidade do aluno cuja atenção nunca é inteiramente passiva (GUSDORF, 1995:148).

Portanto, se aceitamos o caráter recíproco da realidade humana, em que cada um se acha incessantemente exposto ao outro, em estado de impressão e/ou de expressão, é preciso reconhecer a presença do outro, quer seja mensageira da semelhança ou da diferença como uma ocasião privilegiada de despertar e de enriquecimento. O referido autor chama atenção para o fato de que o educador não deve acreditar na qualidade do professor que se julga dono da verdade, ou de um saber de propriedade particular, e nem o aluno deve acreditar na sua dependência e comprazer-se nisso, como se ela lhe coubesse para sempre; nem se julgar dominando a verdade, nem ser dominado por ela, mas sim, ambos, na sua relação mútua, situar-se-ão no seio de uma verdade a devir. Com efeito, basta a abertura de um diálogo para instituir uma relação de dependência nos dois sentidos. Dirigir a palavra a alguém, numa relação dialógica, é esperar dele uma palavra em troca.

Tal reflexão nos remete ao pensamento do educador Paulo Freire, quando se refere à concepção “bancária” e à contradição “educador-educando”. A primeira “assistencializa”, a segunda “criticiza”. Na bancária “o educador vai enchendo os educandos de falso saber que são os conteúdos impostos, na prática problematizadora, vão os educandos desenvolvendo o seu poder de captação e de compreensão do mundo em transformação” (1987:71). Na prática problematizadora, o diálogo é a mediação da relação educador-educando. A função docente – reforça Gusdorf (1995) – tem como princípio o diálogo.

Esta constatação, comum aos dois autores, apesar de ser de bom senso, segundo eles, tem sido subestimada por alguns que se dizem educadores, e o ensino tem se reduzido a um monólogo que, na prática, se desdobra: o monólogo do professor tem seu eco no do aluno que repete a sua fala. Dessa forma, certamente, podemos substituir o professor pelo computador, gravador, aparelho de tv ou mesmo outros meios que não se esgotam em suas múltiplas tentativas. Podemos até verificar a imensa vantagem do ponto de vista financeiro, a voz do professor até às fronteiras do País. Mas, a dimensão do ato educativo vai além destas fronteiras, pois se processa numa relação dinâmica, interativa e dialógica, implicando uma coexistência humana.

Nas concepções desses autores, ensinar exige disponibilidade para o diálogo, ensinar não é transferir

conhecimento, mas criar espaço de possibilidades dialógicas e interativas, indispensáveis à produção e construção do conhecimento. Neste sentido, o espaço pedagógico da aula, da sala de aula, é visto como *locus* de discernimento e mobilização, descoberta de capacidades de criação, de crescimento e de transformação.

É assim que sentencia Gusdorf (1995:95), “*o mestre ensina, mas ensina algo mais do que aquilo que ensina*”. Ao justificar este pensamento, ressalta que o ato de ensinar mobiliza as capacidades emotivas e motivacionais do ser humano, dotados de um valor pedagógico imenso, à margem dos caminhos e das técnicas usuais, aquelas preocupadas exclusivamente em doar conhecimentos. Na sua discussão, lembra que os alunos, desde as lições infantis ao ensino universitário, e alguns até ao doutorado, consagram longos anos de convívio diário na escola e na universidade, para a obtenção de diplomas diversos e hierarquizados. Estes têm, sem dúvida, na vida de cada um e na sociedade um valor eminentíssimo, mas esses títulos não se constituem, por si, a garantia da realização do homem como ser humano que, por vocação, busca se realizar na comunhão com outras pessoas.

No contexto escolar, ambiente de coexistências, retoma esse autor francês, como exemplo, o momento inaugural de uma primeira aula, acontecimento rotineiro em cada um dos passos da vida estudantil, no início de cada semestre ou ano escolar. A turma aguarda ansiosa o novo professor, e cada um de sua parte, professor e aluno, esperam por essa confrontação. É um diálogo sem palavras, o professor analisa a classe e esta observa o professor – um diálogo através do diálogo e para além dele. O professor educador, o mestre, fala aos seus discípulos, e a sua palavra é uma palavra dentro com e para a classe, na medida que sua palavra se abre para o diálogo, um campo de mediação, de possibilidades indefinidas e de autodescobertas para ambos. Podemos, em Gusdorf (1995:9), ressaltar o encontro do discípulo com o seu mestre na autodescoberta, quando ele afirma que, “*uma pedagogia da pedagogia deixa-se pressentir através dos momentos decisivos em que uma vida jovem desperta, pelo acaso de um encontro, para uma nova e mais autêntica consciência de si mesma*”.

Do seu pensamento, podemos reconhecer que a pedagogia real situa-se para além dos limites e das intenções de qualquer disciplina que se ensina. Na relação do educador-educando, o principal do ensino é algo que não se ensina, mas é oferecido juntamente com o que se ensina. O educador não esquece que há

um programa, objetivos e atividades especializadas na sua disciplina, e tanto quanto possível, procura respeitá-los. No entanto, não esquece das atividades particulares repartidas através dos programas, conteúdos transversais, e tenta despertar em seus alunos a consciência dessas atividades que dão ao ato educativo o caráter de formação.

Também Paulo Freire (1987) questiona como a pouco vimos, o processo educacional visto como transmissão de conhecimentos determinados, no sentido de que o aluno, neste caso, reduzido a receptáculo ou objeto de investimento, assimila o oferecido sem questioná-lo. Dessa forma, o professor faz comunicados em vez de comunicar-se, faz dos alunos depósitos, os quais simplesmente memorizam para devolver o comunicado recebido. Ele insiste que não basta saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas este saber também precisa ser testemunhado e vivido. Nesse sentido, o professor deve postar-se como um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, criando situações que possibilitem a superação de suas inibições. Sem dúvida, é uma postura difícil, exige competência, entre outras habilidades, para se evitar os simplicismos, as facilidades e as incoerências.

Neste contexto, o diálogo, na visão coincidente de Gusdorf e de Freire, se assemelha e se impõe como caminho, pelo qual os homens ganham significação como homens. “A realidade fundamental continua sendo esse diálogo aventuroso, durante o qual dois homens de maturidade desigual confrontam-se, mas onde cada um a seu modo, dá testemunho perante outro das possibilidades humanas” (GUSDORF, 1995:26). Mais uma vez, o pensamento do filósofo francês entra em sintonia com o do educador brasileiro, na medida em que este afirma: “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História” (FREIRE, 1998:154).

A dialogicidade, essência da educação como prática da liberdade, assim como defende o nosso educador, é uma pedagogia que começa pelo diálogo, pela comunicação, por uma relação humana que possibilita ao próprio homem a elaboração de uma consciência crítica do mundo em que vive. É uma prática pedagógica, ao mesmo tempo fundada na dialogicidade, na problematização e na libertação que se realiza na co-participação de um processo onde se promove e se desenvolve o ser humano (FREIRE, 1996). Dessa forma, o diálogo é uma exigência existencial como encontro dos homens que, ao

pronunciar o mundo, não deve ser doação do pronunciar de uns aos outros. Assim, a conquista de um diálogo não pode se dar numa relação de dominação.

No diálogo posto como encontro dos homens, situado na discussão deste trabalho, não há nem sábios absolutos, nem ignorantes absolutos, há homens que, em comunhão, buscam a verdade. Portanto, para este educador, ensinar exige disponibilidade para o diálogo, testemunho de abertura aos outros, disponibilidade curiosa à vida, aos seus desafios, saberes necessários à prática educativa para que se cumpra a vocação ontológica do ser humano.

Tudo isto implica a imensa fé no outro, na crença em sua capacidade de fazer e refazer, de criar e recriar. Ao fundar-se nestes princípios, o diálogo se faz numa relação horizontal de mútua solidariedade, reciprocidade e comunicação como prática educativa.

Acreditamos que as reflexões aqui consideradas na óptica concorde de Gusdorf e Paulo Freire põem na ordem do dia a realidade paradoxal do nosso tempo, tempo de revolução no campo da comunicação, era do rádio, da televisão e dos meios audiovisuais. Parece que, embora se tenha conseguido suprimir através de meios tecnológicos eficientes a distância entre os homens, o homem pouco tem feito, ainda, no sentido da aproximação através do diálogo autêntico, na busca em comum de uma verdade que congrega a humanidade.

Qualquer pedagogia, na medida em que se organiza em função de uma verdade, segundo os citados autores, implica uma ontologia (?) inscrever-se no quadro de uma realidade sociológica. É também evidente que o encontro do educador com o educando se situa num contexto social, a escola, um lugar humano e concreto em que o mestre se propõe e impõe como mestre, outras qualificações além daquelas que

se afirmam na ordem intelectual, uma vez que toda aprendizagem de uma técnica ou de uma profissão põe em causa a totalidade do ser humano. Por conseguinte:

... a Universidade ideal, a única que conta, é esta comunidade cuja missão é trabalhar para a universalidade. Somente se tornar consciente de sua missão, será na verdade um lugar privilegiado da alta cultura, cujo melhor instrumento é o diálogo na investigação e na amizade (GUSDORF, 1995:157).

Na análise e reflexão dessas argumentações, evidenciamos alguns dos pressupostos que se fundam, sobretudo, na filosofia da educação nos tempos modernos e contemporâneos, derivada do pensamento humanista, iluminista e romântico, embasadas no pensamento de Descartes, Rousseau e Kant.

Referências

- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Educação e mudança*. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- GUSDORF, Georges. *Professores para quê? Para uma pedagogia da pedagogia*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- _____. *L'Homme romantique*. Paris: Payot, 1984.

Data de Entrega: 03/01/2002
Data do Aceite: 02/02/2002
Data de Revisão: 05/05/2002

Alfabetização numa Perspectiva da Educação Libertadora

Alphabetization in a Liberator Education Perspective

Maria do Socorro Vasconcelos¹

Resumo



O estudo aborda algumas concepções de alfabetização: acadêmica, utilitarista, cognitiva, romântica e libertadora, dando ênfase à alfabetização de adultos inserida no contexto da educação popular. É tomado como ponto de referência o pensamento do educador brasileiro Paulo Freire sobre a alfabetização libertadora que abre espaço para o estudo da realidade e desenvolvimento da consciência crítica. O processo de alfabetização é concebido como um fenômeno político e implica nas duas unidades dialéticas da praxes humana: reflexão e ação. A leitura do mundo precede à leitura da palavra, conduzindo os(as) alfabetizandos(as) à compreensão crítica de que eles(as) são capazes de atuar sobre sua realidade, a partir de situações concretas, tornando-se sujeitos de sua aprendizagem e de sua história, transformando a realidade social e reconstruindo o mundo. A realidade brasileira atual sofre transformações bruscas ocasionadas pela implantação do modelo Neoliberal que vem se concretizando através do processo de globalização da economia e privatização das empresas estatais, aumentando as desigualdades e a exclusão social, o que necessita dos

educadores, uma reflexão profunda, no sentido de encontrar uma forma inteligente de ajudar a reverter este quadro, assumindo assim, seu profissionalismo com responsabilidade, competência e compromisso.

Palavras-chave: Alfabetização Libertadora; Reflexão-ação; Leitura do Mundo; Leitura da Palavra; Transformação da Realidade.

Abstract

The present study deals with some conceptions of alphabetization, in several angles: academic, utilitarian, cognitive, romantic and liberator, emphasizing adults' alphabetization, inserted in popular education context. It is taken, as a reference target, the thought of a brazilian education master, Paulo Freire, about the liberator education that opens a space for the reality study, developing a critical conscience. The alphabetization process is conceived as a political phenomenon and it is related with two dialect units of human praxis: reflection and action. The world reading comes before the word one, conducting those who are being trained for reading, to a critical comprehension that are able of acting on their reality, based on real situations and being the own subject of their history and learning, aiming to change their social reality, this way building the world. The brazilian present reality suffers great and fast changes, occasioned by Neo-liberal model, which is being applied through the process of globalization, with Economy going toward state companies privatization, improving social exclusion problems. It is necessary educators think over this question, in order to find out an intelligent way of helping, people to revert these circumstances, so that their performance can show a real responsibility, competence and education engagement.

Keywords: Liberator Education, Reflection and Action, World Reading, Word Reading and Redemption of Reality.

1 Introdução

A história da Educação Popular Brasileira está repleta de fatos como de nomes de pessoas que abriram espaços para uma leitura ampla e compreensão profunda da realidade de nosso país. Dentro dessas pessoas inteligentes, sensíveis, comprometidas e lutadoras por uma educação popular

realmente transformadora, destaca-se o nome do nosso saudoso e inesquecível educador Paulo Freire. Sua obra literária, seu nome, seu pensamento são conhecidos, analisados e discutidos no mundo inteiro.

No Brasil e em vários países do mundo (Suíça, Itália, Alemanha, Holanda, Portugal, Espanha, Argentina, México, Estados Unidos, entre outros) há

¹ Membro da Academia de Ciências Sociais do Ceará, Cadeira no. 15. Professora titular da Universidade de Fortaleza - UNIFOR. Doutora em Projeto Curricular e Avaliação Educativa pela Universidad de Valladolid (Espanha). Atuado nos Programas de Desenvolvimento Comunitário e de Educação para a Zona Rural junto a campões nordestinos (Estado do Ceará) e campões indígenas mexicanos (Estado de Michoacán), como investigadora participante, sob o patrocínio da Organização dos Estados Americanos - OEA. Publicações: El trabajo Educativo en la Comunidad; Proyecto Piloto de Alfabetización de Adultos: una experiencia Freiriana; Resenha da biografia de José de Alencar; Compreensividade (Inclusão), Diversidade e Qualidade Educativa. Mailto: nupech@bol.com.br